



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e63763>

TRADUÇÃO

Perceptos e conceitos: o valor dos conceitos¹

William James

Tradução

Aisllan Calado*
aisllandepaula@gmail.com

Recebido em: 29/09/2023.

Aprovado em: 08/03/2024.

Publicado em: 17/05/2024.

Apresentação

Este trabalho é uma tradução do capítulo 4 intitulado “Perceptos e conceitos: o valor dos conceitos” presente na obra *Some problems of philosophy* de William James, publicado em 1911. Neste capítulo, James elabora, considerando propostas pragmatistas e no contexto de sua doutrina chamada empirismo radical, a relação do mundo conceitual com os estímulos perceptuais. James analisa o que o sensível e conceitual representam para as perspectivas racionalistas e empiristas, e revisa o impacto de tais noções na filosofia e ciências no geral. Sua proposta é a de considerar a relação entre os perceptos (o sensível) e os conceitos evitando a valoração de um sobre o outro. De maneira pragmática James reforça que a finalidade do conceitual é a de nos conduzir de forma adequada pelo mundo. Portanto, as ideias e as coisas estão sempre entrelaçadas, e sua função é inegavelmente prática.

1 Sua diferença

O problema que nos convém lidar em seguida será o da diferença entre os pensamentos e as coisas. As “coisas” são conhecidas por nós pelos sentidos, e são chamadas “apresentações” por alguns autores, para diferenciá-las das ideias ou “representações” as quais podemos ter quando nossos sentidos estão fechados. No meu caso me acostumei com as palavras “percepto” e “conceito” ao tratar seu contraste, no entanto, os conceitos fluem dos perceptos e retornam a eles, são tão entrelaçados, e nossa vida se apoia neles de uma forma tão indiscriminada e intercambiável que se torna difícil transmitir uma noção clara do sentido dessa diferença aos iniciantes. A sensação e o pensamento estão misturados na humanidade,² mas variam. O pensamento no sentido adequado está em seu mínimo



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 Título original: Percepts and concepts: their import. Publicado originalmente em 1911. A edição utilizada para esta tradução está em *William James Writings: 1902-1910* publicado pela editora The library of américa em 1987

2 [N.T.] No original, homem (*men*), no entanto optei por, quando possível, substituir a palavra “homem” por “humanidade”.

* Universidade Federal do Espírito Santo.

nos nossos parentes quadrúpedes, mas não temos razões para supor que sua vivência sensível imediata seja menos copiosa que a nossa. Originalmente os sentimentos devem ter sido autossuficientes; e os pensamentos aparecem como função adicional, nos adaptando a um ambiente mais amplo do que é perceptível para os brutos. Algumas partes do fluxo de sensação devem ser mais intensos, empáticos e estimulantes, do que outras nos animais e em nós mesmos; mas é como se os animais inferiores apenas reagissem a essas sensações mais salientes por movimentos apropriados, enquanto os animais superiores se lembram deles, e reagem a eles intelectualmente ao utilizar substantivos, adjetivos e verbos para identificá-los em outros encontros.

A grande diferença entre os perceptos e os conceitos³ é que os perceptos são contínuos e os conceitos discretos. Não discretos em seu ser, pois a concepção como ato é parte do fluxo de sensação, mas discreto entre si em sua diversidade de sentidos. Cada conceito significa singularmente, e nada além; e se quem o concebe não sabe o que quer dizer com isso ou aquilo, isso demonstra que seus conceitos são de formação imperfeita. Enquanto o fluxo perceptual como tal não significa nada, sendo apenas o que é em sua imediatez. Não importa quão pequena seja a porção tomada, é sempre um tudo-de-uma-vez,⁴ e contém inumeráveis aspectos e características das quais a concepção pode escolher, isolar e, a partir disso intencional. Isso demonstra a duração, intensidade, complexidade ou simplicidade, o quão interessante, ou excitante, ou agradável ou seus opostos. O dado do qual todos nossos sentidos entram nele, mesclada numa extensividade geral da qual cada dado ocupa uma ação pequena ou grande. Contudo, essas partes não interrompem a unidade. Suas fronteiras não se distinguem demasiado das fronteiras do campo de visão. As fronteiras são coisas que intervêm; mas aqui apenas partes do próprio fluxo perceptivo intervêm, e essas fronteiras estão transbordando pelo que separam, de modo que, seja o que for que distinguiamos e isolamos conceitualmente é percebido como telescópico, compenetrado e difuso em seus vizinhos. Os cortes que fazemos são apenas ideais. Se meu leitor pode conseguir ao se abstrair de toda interpretação conceitual e retornar a sua vida sensível imediata, ele notará que é o que alguém chamou de uma grande e confusa agitação (*big buzzing confusion*), livre de contradição, vivo e presente em sua simultaneidade intensa.⁵

2 A ordem conceitual

Desse “muito” sensível a atenção esculpe objetos, os quais a concepção por sua vez nomeia e identifica para sempre – no céu “constelações”, na terra “praia”, “mar”, “penhasco”, “arbustos”, “grama”. Do tempo cortamos “dias” e “noites”, “verões” e “invernos”. Dizemos o que cada parte do contínuo sensível é, e todos esses “o que” abstraídos são conceitos.⁶

3 Utilizarei livremente sinônimos para esses dois termos de aqui em diante. Os termos “ideia”, “pensamento” e “intelecção” são sinônimos de “conceito”. No lugar de “percepto” falarei de “sensação”, “sentimento”, “intuição”, e algumas vezes da “experiência sensível” ou do “fluxo imediato” de vida consciente. Desde os tempos de Hegel o que chamamos de “fluxo imediato” de vida consciência é que simplesmente percebemos. Desde Hegel o que é simplesmente percebido é nomeado, enquanto o “mediado”, é sinônimo do que é concebido.

4 [N.T.]: O original em inglês é “*much-at-once-ness*”, consideramos a tradução “simultaneidade intensa” sugerida em revisão por enfatizar a complexidade de lidar com a variedade de experiências que se sobrepõem de forma imediata.

5 Comparar com W. James: *A pluralistic Universe*, p. 758-761. Também em *Psychology: Briefer Course*, p. 157-166.

6 Sobre a função da concepção consultar: Os seminários de William Hamilton sobre lógica, 9, 10; H. L. Mansel, *Prolegomena Logica*, capítulo i; A. Schopenhauer, *O mundo como Vontade*, etc, Suplementos 6, 7 do livro ii; W. James, *Princípios de Psicologia*, capítulo xii; *Briefer Course*, capítulo xiv. Também G. J. Romances: *Mental Evolution in Man*, capítulos iii, iv; Th. Ribot: *l'Evolution des Idées Générales*, capítulo vi; Th. Ryussen, *Essai sur l'Evolution psychologique du Judgement*, capítulo vii; Laromiguere *Lecons de Philosophie*, parte 2, lição 12. A explicação que dou contradiz diretamente aquela que Kant dá a qual tem prevalecido desde seu tempo. Kant sempre fala do fluxo original sensível como “múltiplo” o qual ele considera essencial para sua desconexão. Para obter qualquer unidade precisaria, ele pensa, da ação do “ego transcendental da apercepção”, e para ter qualquer conexão definitiva se requer a ação do entendimento com seus conceitos ou “categorias” sintetizadoras. “*Die Verbindung (conjunctio) eines Mannigfaltigen kann überhaupt niemals durch Sinne in uns kommen, und kann also auch nicht in der reinen Form der sinnlichen Anschauung zugleich mit enthalten sein; denn sie ist ein Actus von der Sinnlichkeit, Verstand nennen muss, so ist alle Verbindung eine Verstandeshandlung*”. K. d. r. V., 2te, Aufg., p. 129-130/ “Mas a ligação (*conjunctio*) de um diverso em geral não pode jamais chegar a nós através dos sentidos e, portanto, também não 5130 pode estar contida ao mesmo tempo na forma pura da intuição sensível; pois ela é um ato da espontaneidade do poder de representação e, como este tem de ser denominado entendimento para diferenciar-se da sensibilidade, então toda ligação – quer sejamos dela conscientes ou não, quer ela seja a ligação do diverso da intuição ou de alguns conceitos, e quer ela seja, no primeiro caso, da intuição sensível ou da não sensível – é uma ação do entendimento” (Kant, 2018 [1787], p.128);. O leitor deve decidir qual explicação concorda melhor com suas experiências.

A vida intelectual da humanidade consiste quase inteiramente na substituição de uma ordem conceitual por uma perceptiva da qual suas experiências vêm originalmente. Mas, antes de rastrear as consequências da substituição, preciso dizer algo sobre a ordem conceitual em si.⁷

Trens de conceitos desembaraçados dos perceptos são frutíferos na mente do adulto; e parte desses trens conceituais capturam nossa atenção tal e como as partes do fluxo perceptual o fizeram, dando lugar aos conceitos de maior abstração. O discernimento da humanidade é tão sutil, e tão grande o poder de alguns homens de destacar os elementos mais fugitivos do que passa ante eles, que essas novas formações não têm limite. Aspecto dentro de aspecto, qualidade trás qualidade, relação sobre relação, ausências e negações assim como características presentes, terminam sendo notadas e seus nomes adicionados à reserva de substantivos, verbos, adjetivos, conjunções e preposições a partir das quais a mente humana interpreta a vida. Cada livro novo verbaliza algum conceito novo, o qual se torna importante em proporção ao uso que pode ser feito dele. Universos diferentes de pensamento surgem então, tendo como ingredientes diferentes tipos de relação.

O mundo das “coisas” do senso comum; o mundo das tarefas materiais a serem realizadas; o mundo matemático das formas puras; o mundo das proposições éticas; os mundos da lógica, música etc., todos abstraídos e generalizados de instancias perceptuais a muito esquecidas, os quais, como se houvessem florescido, retornam e se embaraçam mais uma vez nos particulares de nossas percepções presentes e futuras. Por esses “quês” que discernimos nossos “issos”, os perceptos e conceitos se interpenetram e fusionam, se impregnam e fertilizam mutuamente. Nenhum conhece a realidade em sua completude por si só. Precisamos de ambos, assim como precisamos de ambas as pernas para caminhar.

De Aristóteles em diante os filósofos têm admitido a franca indispensabilidade, para o conhecimento dos fatos, das contribuições intelectuais e sensoriais⁸ Para um conhecimento completo dos fatos, eu digo; mas fatos são particulares e se conectam com as necessidades práticas e as artes; e os filósofos gregos logo formaram a noção que o conhecimento dos assim chamados “universais”, consistindo de conceitos de formas abstratas, qualidades, números, e relações era o único conhecimento merecedor da verdadeira mente filosófica. Os fatos particulares decaem e nossas percepções deles variam. Um conceito nunca varia; e entre tantos termos invariáveis as relações precisam ser constantes e expressar variedades eternas.

Portanto ali surgiu a tendência, a qual perdura na filosofia, de contrastar o conhecimento dos universais e inteligíveis como divinos, dignificados, e honrados ao conhecedor, dos quais os particulares e sensíveis como algo relativamente basal que nos aproxima mais das feras.⁹

7 A substituição foi descrita originalmente nesses termos por S.H. Hodgson em *Philosophy of Reflection*, i, 288-310

8 Veja, por exemplo o livro i, capítulo 2 de *Metafísica* de Aristóteles.

9 Em diversas ocasiões, mas principalmente nos livros 6 e 7 de *A República*, Platão contrasta o conhecimento perceptual como “opinião” com o conhecimento real, para glória deste último. Para um excelente esboço desta visão platonista veja a primeira parte do *Idealismo und Positivismus* de 1879, por E. Laas. Para expressões da visão ultra intelectualista, leia a passagem de Plotinus sobre o Intellecto no livro de referência de C.M. Blackwell sobre *Filosofia Antica*, N.Y. 1907, p. 353 f.; Bossuet, *Traité de la Connaissance de Dieu*, capítulo iv. – “Platão” escreve o Prof. Santayana, “pensava que toda a verdade e sentido das coisas terrenas era a referência que continham do original celeste. Lembramos de reconhecer esse original celeste mesmo no meio de distorções, desaparecimentos e as multiplicações de suas cópias efêmeras. As impressões por si mesmas não têm permanência, nem essência inteligível, mas estão sempre surgindo e cessando de ser. Deve existir, ele nos diz, um objeto de clara definição do qual as aparências visíveis a nós sejam semelhança multiforme; o fantasma ante nós nos lembra daquela realidade meio esquecida e nos faz proferir seu nome, hora a través de um aspecto, hora por outro. Nós e o todo do universo existimos somente como tentativa de retornar a nossa perfeição, nos perdemos de novo em Deus. A nossa propriedade natural é o bem inefável; e tudo que honramos nessa vida é apenas uma recuperação parcial de nosso direito de nascimento; cada encanto é como uma fenda nas nuvens, através da qual podemos ter um vislumbre de nosso céu nativo. E se os céus parecem tão distantes, e a ideia dele opaca e irreal, é porque estamos distantes da perfeição, tão ignorantes do que é estranho e destrutivo para a alma” (“Platonic Love in some Italian Poets” / “Amor platônico em alguns poetas italianos”, em *Interpretações sobre Poesia e Religião*, 1896). Essa é a interpretação de Platão vigente desde Aristóteles. Deve ser dito que sua profundidade já foi desafiada pelo Prof. A. J. Stewart, (*Plato's Doctrine of Ideas*, Oxford, 1909). Aristóteles encontrou uma grande falha no tratamento de Platão das ideias como originais celestes, mas concordou completamente em relação a excelência superior da vida conceitual ou teórica. Nos capítulos vii e viii do livro x das *Ética* a Nicomaco ele exalta a contemplação dos universais que por si só, concede a felicidade pura. “A vida de Deus, em sua beatitude excessiva, consistirá no exercício do pensamento filosófico; e no de todas as atividades humanas, das quais as mais felizes serão as mais semelhantes ao divino”.

3 O conhecimento conceitual: a visão racionalista

Para os escritores racionalistas o conhecimento conceitual não era apenas o conhecimento mais nobre, mas ele se originava de forma independente de todos os particulares perceptuais. Tais conceitos como Deus, perfeição, eternidade, infinidade, imutabilidade, identidade, beleza absoluta, verdade, justiça, necessidade, liberdade, dever, valor etc., e o papel que eles têm na nossa mente, são, pelo menos se supunha, impossíveis de explicar como resultados da experiência prática.

A visão empirista, que é provavelmente a visão verdadeira, é que eles resultam da experiência prática.¹⁰ Porém uma pergunta mais importante que aquela sobre a origem dos conceitos se refere ao seu uso funcional e valor; estaria isso amarrado à experiência perceptual, ou fora dessa relação? Seria o conhecimento conceitual autossuficiente e uma revelação por si só, separada de seus usos para nos ajudar a ter um melhor entendimento do mundo dos sentidos? Os racionalistas dizem, Sim. Pois, como veremos mais adiante (p.11), os diversos universos conceituais aos quais nos referimos na página 3 podem ser considerados uma abstração completa da realidade perceptual, e quando são considerados dessa forma, todo tipo de relações fixas pode ser encontrado entre suas partes. É disso que resultam as ciências a priori como a lógica, matemática, ética e estética (até onde essas últimas duas podem ser consideradas ciências).

O conhecimento conceitual deve ser reconhecido como uma revelação autossuficiente; e sempre foi tratado pelos escritores racionalistas como uma concessão do mundo divino, o mundo do universal em vez daquele dos fatos perecíveis, das qualidades essenciais, das relações imutáveis, os princípios eternos da verdade e do correto. Como escreve Emerson: “A generalização é sempre um novo influxo de divindade na mente; logo o entusiasmo que a acompanha”. E um discípulo de Hegel, que depois de exaltar o conhecimento do “Geral, imutável, e só, valioso” sobre aquele do “Particular, Sensível e Transitório” acrescenta que se descreditamos a filosofia por ser incapaz de fazer uma simples folha de grama crescer, ou saber como cresce, a resposta é que desde tal particular o “como” se encontra não sobre, mas abaixo do conhecimento assim chamado com rigor, tal ignorância não é capaz de argumentar defeito algum.¹¹

4 O conhecimento conceitual: a visão empirista

A essa opinião ultra racionalista se opõe a contenção empirista que a significação dos conceitos sempre consiste em suas relações com os particulares perceptuais. Feitos de perceptos, ou destilados de partes de perceptos, sua oficina essencial, como foi dito, é se juntar aos perceptos de novo, trazendo a mente de volta ao mundo perceptual com um controle melhor da situação. Certamente sempre que possamos fazer isso com nossos conceitos, fazemos mais com eles do que os arrebanham (*flock*) com seus companheiros abstratos e imóveis. Portanto, é possível juntar os racionalistas ao permitir que o conhecimento conceitual seja autossuficiente, enquanto ao mesmo tempo nos unimos aos empiristas mantendo que o valor completo de tal conhecimento existe apenas quando o recombina com a realidade perceptual. Essa é a atitude mediadora que este livro precisa adotar.

Para entender a natureza dos conceitos devemos prosseguir na distinção da sua função de seu conteúdo. O conceito de “homem” por exemplo, é três coisas: 1) a palavra em si; 2, a imagem vaga de uma forma humana que é valorizado no viés do que é ou não belo; e 3, como um instrumento

10 John Locke, nos livros i e ii de seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, foi um grande popularizador dessa doutrina. O *traité des sensations* de Condillac, o trabalho de Helvetius com *De l'Homme*, e *Analysis of the Human Mind* de James Mill, foram os sucessores mais radicais do grande livro de Locke.

11 Michelet, *Hegel's Werke*, vii, 15, citado por A. Grady, *De la connaissance de l'Ame* i, 231. Comparar com uma afirmação semelhante na filosofia em *Prolegomena à Hegel* de W. Wallace, 2d ed., 1894, p. 28-29, e a longa afirmação radical na mesma perspectiva no *Tratado sobre a moralidade eterna e imutável* de Ralph Cudworth, livro iv.

para simbolizar certos objetos dos quais podemos esperar um tratamento humano quando a ocasião apareça. De maneira semelhante o “triângulo”, “co-seno”, eles possuem seu valor substantivo tanto como sugestão de palavras quanto de imagens, porém eles também possuem um valor funcional sempre que nos guiam a algum outro lugar no discurso.

5 O conteúdo e a função dos conceitos

Entretanto existem conceitos cuja parte imagética é tão borrada que todo seu valor parece ser funcional. Por exemplo, “Deus, causa, número, substância, alma”, não sugerem uma imagem definitiva; e sua significação parece consistir inteiramente em sua tendência, na reviravolta (*in the further turn*) que podem dar nossas ações ou pensamentos.¹² Não podemos nos deter na contemplação de sua forma como o fazemos com “círculo” ou “homem”; devemos ir além.

6 A regra pragmática

Sem importar quão belo ou merecedor de uma contemplação estacionária possa ser a parte substantiva de um conceito, podemos atribuir naturalmente a parte mais importante de sua significação às consequências que isto nos leva. Estas podem estar tanto na forma que nos fazem pensar, ou na forma que nos fazem agir. Seja quem for que tenha uma ideia clara destas consequências sabe efetivamente o que um conceito significa na prática se o seu conteúdo substantivo é interessante por si só ou não.

Esta consideração levou a um método de interpretar os conceitos o qual chamo de *Regra Pragmática*.¹³

A regra pragmática diz que a significação de um conceito será sempre encontrada, senão em um particular sensível ao qual designa diretamente, então na diferença no curso da experiência humana, que de ser verdadeira, faria. Teste cada conceito pela pergunta “Que diferença sensível faria essa verdade para qualquer pessoa?” e você estará na melhor posição possível para entender o que significa e para discutir sua importância. Se, ao questionar se algum conceito possa ser verdadeiro ou falso, você não consiga pensar em absolutamente nada que possa diferir de maneira prática em ambos os casos, você poderá assumir que a alternativa não tem sentido e que seu conceito não é uma ideia distinta. Se dois conceitos nos levam a inferir as mesmas consequências particulares, então você pode assumir que eles incorporam o mesmo sentido em nomes diferentes. Essa regra se aplica a conceitos de diversas ordens de complexidade, desde termos simples a proposições unindo vários termos. Tantas disputas na filosofia se articulam sobre palavras e ideias mal definidas, cada lado alegando que sua própria palavra ou ideia é verdadeira, que qualquer método que aceitemos para tornar a significação clara deve ser de grande utilidade. Nenhum método pode ser mais conveniente que a aplicação de nossa regra pragmática. Se você afirma que qualquer ideia é verdadeira, assigne ao mesmo tempo alguma diferença que isso faria na história hipotética de uma pessoa, e veremos não só o que você está dizendo de fato, mas também o quanto essa questão é importante, e como trabalhar para verificar tal afirmação. Ao seguir essa regra negligenciamos o conteúdo substantivo do conceito e seguimos apenas sua função. A primeira vista, pareceria que precisaríamos de uma desculpa para tal negligência, frequentemente o conteúdo possui um valor por si só que pode talvez dar um valor concebível à realidade, se existisse, além de qualquer modificação trazida por ele em outras partes da realidade. Deste modo se supõe com frequência que o

12 Sobre essa tendência funcional comparar o livro 1, capítulo ii de *On Intelligence*, de H. Taine (1870).

13 Comparar com *Pragmatismo*, capítulo 22, de William James, entre outros; também com o artigo *Pragmatismo* de C. S. Peirce no *Dictionary of Philosophy de Baldwin*.

“Idealismo” é uma teoria preciosa em si, mesmo que nenhuma mudança definitiva nos detalhes de nossa experiência possa se deduzir disso. A discussão a seguir demonstrará que essa visão superficial, e que as consequências particulares são o único critério para a significação de um conceito, e único teste para sua verdade.

7 Exemplos

Exemplos são pouco necessários por sua obviedade. Que A e B são “iguais” por exemplo, pode significar tanto que “não encontraremos diferença” quando passamos de um para o outro, ou que ao substituir um pelo outro em certas operações “obteremos o mesmo resultado em ambas as ocasiões”. O que substância significa é que “um grupo de sensações vai ocorrer”. O que “incomensurável” significa é que “somos sempre confrontados com um lembrete”. “Infinito” pode significar isso mesmo, ou que “podemos contar quantas unidades possamos a partir de um todo”. “Mais” e “menos” significam certas sensações, variando de acordo com o caso. “Liberdade” significa “sem sensação de restrição sensível”. “Necessidade” significa “que seu caminho está bloqueado em todas as direções, exceto uma”. “Deus” significa que “você pode destituir alguns tipos de medo”, “causa” que “podemos esperar certas consequências” etc. Podemos encontrar vários exemplos no restante desse livro; por isso voltarei a questão mais geral sobre se todo o estoque do mundo dos conceitos está em sua relação com a experiência perceptual, ou, se também seria uma revelação independente da realidade. Pode haver muita ambiguidade nas possibilidades de respostas a essa questão, então devemos cuidar de nossos Ps e Qs.

8 A origem e a utilidade dos conceitos

A primeira coisa notável é que nas primeiras etapas da inteligência humana, até onde podemos adivinhá-las, o pensamento apropriado deve ter sido de uso exclusivamente prático. A humanidade classificou suas sensações, as substituíram por conceitos, para “colocá-los a trabalhar por seu valor” e para se preparar para o que pode espreitar mais adiante. As classificações nomeadas sugerem as consequências que se vincularam em outras ocasiões a outros membros das classes-consequências as quais o percepto presente poderá ou deverá demonstrar.¹⁴ O percepto presente em sua imediatez pode com frequência afundar ao status de um sinal nu de uma consequência sugerida pelo conceito substituto. A substituição dos conceitos e suas conexões, da totalidade de uma ordem conceitual, brevemente, pelo fluxo imediato perceptual, aumentando enormemente, deste modo, nosso panorama mental.

Se não tivéssemos conceitos viveríamos simplesmente “pegando” cada momento sucessivo da experiência, como uma anêmona sésil recebendo qualquer nutrição que pode chegar a sua rocha pelas ondas. Com os conceitos vamos na jornada do que está ausente, encontramos o remoto, mudamos de direção ou, dobramos nossa experiência, e nos faz dizer seu vínculo. Se mudamos sua ordem, correndo para trás, juntando as partículas distantes e separando as próximas, pulando sob sua superfície em vez de mergulhar em sua continuidade, amarrando seus objetos em quantos diagramas ideais nossa mente possa enquadrar. Todas essas são formas de manejar o fluxo perceptual e encontrar suas partes distantes; tão quanto essa função primária da concepção chega, podemos apenas concluir que é como eu comecei chamando, a faculdade que apenas se adiciona a nossa consciência perceptual para seu uso em nossa adaptação prática a um ambiente mais amplo que aquele notado pelos brutos¹⁵. Arreamos a realidade perceptual em conceitos para conduzi-la melhor aos nossos fins.

14 Sobre essa tendência funcional comparar o livro 1, capítulo ii de *On Intelligence*, de H. Taine (1870).

15 As partes iii e iv de *Psychology* de Herbert Spencer tentam longamente demonstrar que tal adaptação é o único sentido de nosso intelecto.

9 O uso teórico dos conceitos

Nossa tradução conceitual do fluxo perceptual nos permitiria também entender o último melhor? O que queremos dizer com nos fazer “entender”? Podemos ver, ao aplicar nossa regra pragmática à interpretação da palavra que entendemos melhor qualquer coisa quanto mais somos capazes de dizer ao respeito. Julgando por esse teste, os conceitos nos fazem entender nossos perceptos melhor: sabendo o que eles são, podemos dizer todo tipo de verdades mais distantes sobre eles, baseados nas relações daqueles “quês” com outros “quês”. Todo o sistema de relações, espacial, temporal, e lógico de nosso fato, é traçado. Uma opinião da filosofia antiga, herdada desde Aristóteles, é que não entendemos uma coisa até entender suas causas. Quando a ajudante diz que “o gato” quebrou a xícara de chá, ela nos fará conceber a fratura em uma explicação causal.

De igual maneira que quando Clerk-Maxwell nos pede para conceber a eletricidade gasosa como resultado de um bombardeamento molecular. Um agente imaginário fora de vista se torna em ambos os casos parte de um contexto cósmico no qual depositamos o percepto a ser explicado; e a explicação só é válida enquanto o novo causal que é ela mesma concebida em um contexto que torna sua existência provável, e com uma natureza concordante com os efeitos que se imagina, irá produzir. Todas as nossas explicações científicas parecem confrontar esse tipo simples de “gato necessário”. A ordem da natureza concebida e construída ao redor da ordem percebida, que a explica teoricamente, como dizemos, é apenas um sistema de ordem de “issos” imaginários, que os “quês” os quais se conectam harmoniosamente com o “que” de qualquer “isso” que percebemos imediatamente. O sistema é essencialmente topográfico, um sistema de distribuição das coisas. Nos diz o que é que, e onde está onde. Ele apenas prolonga a abertura da perspectiva das consequências práticas que tomamos como utilidade primordial da faculdade de concepção: nos adapta para um ambiente imenso. Ao trabalhar através das causas das coisas ganhamos vantagens as quais nunca deveríamos teríamos ganho se usássemos somente as coisas.

10 Nas ciências a priori

Para chegar a tais resultados os conceitos no sistema explicativo precisam, digo eu, “se conectar harmoniosamente”. O que isso significa? Seria isso também apenas uma vantagem prática, ou é algo mais? Parece algo mais, pois aponta ao fato que quando os conceitos variados são abstraídos ou construídos, novas relações são encontradas entre eles, os conectando de maneiras peculiarmente íntimas, “racionais” e imutáveis. Em outro livro¹⁶ eu tentei demonstrar que essas relações racionais são todas produto de nossa faculdade de comparação e nosso senso de “mais”.

As ciências que exibem essas relações são as chamadas ciências a priori da matemática e lógica.¹⁷ Porém, essas ciências expressam exclusivamente relações de comparação e identificação. A geometria e a álgebra, por exemplo, primeiro definem certos objetos conceituais, para então estabelecer as equações entre eles, substituindo iguais por iguais.

A lógica é definida como “a substituição de semelhantes”; e de forma geral podemos dizer que a percepção de semelhança e dessemelhança gera o todo da verdade “racional” ou “necessária”. Nada acontece nos mundos da lógica, matemática, da preferência moral e estética. A natureza estática das relações desses mundos é o que dá às preposições que as expressam em seu caráter “eterno”: O teorema binomial, por exemplo, expressa o valor de qualquer poder a qualquer soma de dois termos até o fim dos tempos. Esses vastos e imóveis sistemas de termos universais formam novos mundos de pensamento dos quais falo na página 5. Os termos são elementos (ou estão emoldurados como elementos) abstraídos

¹⁶ *Princípios de Psicologia*, 1890, capítulo. Xviii.

¹⁷ O caráter “necessário” das verdades abstratas das quais exibem essas ciências está bem explicado por G. H. Lewes: *Problems of Life and Mind*, Problem 1, capítulo iv, xiii, especialmente p. 405 f. da edição inglesa (1874).

do fluxo perceptual; mas em sua forma abstrata notamos relações entre eles (e de novo, entre essas relações) as quase nos permitem montam vários esquemas fixos de ordem serial ou de “mais” e “mais”. Os termos são de fato feitos pela humanidade, mas a ordem, sendo estabelecida apenas pela comparação, está fixada pela natureza dos termos por um lado, e por outro pelo nosso poder de perceber suas relações.

Portanto, dois abstraindo dois será sempre o mesmo que um quatro abstrato; o que contém o recipiente contém o conteúdo de qualquer material que ambos sejam feitos; a adição de iguais dará sempre resultados iguais, no mundo em que a igualdade abstrata é a única propriedade que os termos devem ter; o mais que o mais é mais que o menos, sem importar em que direção de mais (*more-ness*) avancemos; se você elimina um termo em uma série todas as vezes que você elimina outro, pode ser que as séries nunca terminem, ou que terminem juntas, ou que uma se esgote primeiro etc; o resultado será aqueles esqueletos da verdade “racional” ou “necessária” nos quais nossos livros de lógica e matemática (as vezes nossos livros de filosofia) arranjam seus termos universais.

11 Na física

A “racionalização” de qualquer massa de fato perceptual consiste na assimilação de seus termos concretos, um por um, em termos tão variados quanto as séries conceituais, e então assumir que as relações encontradas pela intuição entre as últimas são o que conectam com as primeiras também.

Portanto, racionalizamos a pressão do gás ao identificá-la com o sopro de algumas moléculas hipotéticas; logo vemos que quanto mais próximas as moléculas estão tumultuadas os sopros sobre as paredes que as contêm serão mais frequentes; então discernimos a proporcionalidade exata do agrupamento com o número de sopros; para finalmente obtermos a explicação racional da lei empírica de Mariotte. Todas nossas as nossas transformações da ordem do sentido em seu equivalente racional são semelhantes a essa. Se interrogamos a bela aparição, como Emerson chama, na qual nossos sentidos se erguem incessantemente sob nosso caminho, e os objetos ali nos referem a seus interpretantes na forma das construções ideais em algum arranjo estático que nossa mente fez de seus conceitos por si mesma. Esses interpretantes são substituídos pelas sensações, as quais são concebidas racionalmente. “Explicar” significa coordenar, um por um, os issos do fluxo perceptual com os ques da variedade ideal, seja lá qual for essa.¹⁸

Podemos muito bem chamar isso de conquista teórica sobre a ordem original da natureza. A ordem conceitual na qual traduzimos nossa experiência parece não apenas significar adaptação prática, mas a revelação de um nível mais profundo da realidade nas coisas. Por ser mais constante, é mais verdadeiro, menos ilusório que a ordem perceptual, e deve demandar mais nossa atenção.

12 Os conceitos trazem novos valores

Há outra razão de porque a concepção parece uma função tão exaltada. Os conceitos não só nos guiam pelo mapa da vida, mas em seu uso reavaliamos a vida. Sua relação com os perceptos é como a da vista com o tato. A vista de fato nos auxilia na preparação para o contato enquanto o objeto está ainda distante, mas em adição nos dota de um mundo novo de esplendo ótico, interessante o suficiente para nos manter ocupados. Assim os conceitos trazem seu esplendor próprio.

A mera possessão de imagens tão vastas e simples é um bem inspirador: eles excitam novos sentimentos de sublimidade, poder, e admiração, novos interesses e motivações. A idealidade se pendura das coisas somente quando são levadas na abstração. As causas antiescavidão, democracia etc., decaem quando são percebidas em seus sórdidos particulares. As abstrações nos tocam quando estamos insensíveis às instâncias concretas nas quais elas se incorporam.

¹⁸ Comparar com W. Ostwald: *Vorlesungen über Naturphilosophie, Sechste Vorlesung*.

Na lealdade de nossas medições dos ideais particulares, logo instituímos a lealdade abstrata como algo de ordem superior, ser infinitamente leal a: a verdade, no geral, se torna um “grave problema” em comparação com a verdade em detalhe que são os “pobres restos, meros sucessos desmoronados”.¹⁹ Os objetos que vem como universais e eternos excitam nossa sensibilidade com tanta força que os valores da vida se aprofundam quando traduzimos os perceptos em ideias! A tradução parece ser muito mais do que seu equivalente original.

13 Resumo

Os conceitos desempenham três papéis diferentes na vida humana.

1. Eles nos conduzem de forma prática na vida cotidiana, nos provendo de um imenso mapa de relações entre os elementos das coisas, os quais, apesar de não estarem presentes, ainda auxiliam a navegar de maneira prática no futuro.
2. Eles trazem novos valores a nossa vida perceptual, reanimam nossa vontade, e trazem mudança nas nossas ações sobre novos ênfases.
3. O mapa que nossa mente emoldura deles é um objeto que, uma vez emoldurado, possui uma existência independente. Para os propósitos do estudo ele basta por si só.

As verdades “eternas” que ele contém deveram ser reconhecidas mesmo onde o mundo dos sentidos é aniquilado. Nós, portanto, vemos claramente o ganho e a perda quando os perceptos se traduzem em conceitos. A percepção é apenas para o aqui e agora; a concepção é para o semelhante e dessemelhante, do futuro, do passado e do distante. Mas esse mapa cerca o presente, como todos os mapas, é somente uma superfície; suas características são só signos e símbolos abstratos das coisas que em si mesmas são pedaços de experiência sensível. Devemos pesar extensão contra conteúdo, denso contra o disperso, e vemos que dependendo do propósito o valor elevado é atribuído a um ou o outro. Quem pode decidir de antemão qual é a maneira absoluta de viver ou entender a vida? Precisamos alternar nosso fazer entre os dois, e a humanidade não pode se limitar em seu uso, assim como uma tesoura não pode cortar apenas com uma de suas lâminas.

Referências

JAMES, W. *William James: writings 1902-1910. The varieties of religious experience / Pragmatism / A pluralistic universe / The meaning of truth / Some problems of philosophy / Essays*. [S.l.]: Library of America, 1987.

JAMES, W. *Princípios de Psicologia*. cap. XXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1890.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

19 J. Royce: *A filosofia da Lealdade*, 1908, especialmente os seminários vii § 5. Emerson escreve: “Todo homem vê em sua própria experiência uma mancha do erro, enquanto as de outros homens parecem justas e ideais. Deixe que cada homem volte para as relações deliciosas que fazem a beleza de sua vida, as quais lhe concedem instrução e nutrição sinceras, ele encolherá e se queixará. Ai! Não sei por que, mas os desassossegos infinitos amargam as lembranças de alegria compartilhada, e cobre cada nome adorado. Tudo é visto como beleza pelo intelecto, ou como verdade, mas se visto como experiência, tudo é azedo. Os detalhes são melancolia; a dor adequada e nobre. No mundo atual – o doloroso reino do tempo e lugar – vivemos o cuidado, a preocupação, e o medo. Temos a felicidade imortal com o pensamento, com o ideal, a rosa da alegria. Sobre isso cantam todas as musas. Mas a dor pendura no nome das pessoas, e nos interesses parciais de hoje e ontem” (*Ensaio sobre o amor*).



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e63763>